

Para Stiglitz, a renovação não traz vantagem ao país

Cristiano Romero

De Nova York

O Brasil não deveria renovar o acordo com o FMI. A sugestão foi feita ontem por Joseph Stiglitz, ex-economista chefe do Banco Mundial, Prêmio Nobel de Economia de 2001 e professor da Universidade de Columbia. "É melhor não ter programa a ter um programa ruim", disse Stiglitz em seminário sobre a economia brasileira realizado pela Câmara de Comércio Brasil-EUA. Para Stiglitz, qualquer acordo com o Fundo é ruim. "O FMI pune o Brasil pela forma como calcula o superávit primário."

Um exemplo dado por ele diz respeito aos títulos da dívida agrária, emitidos pelo Tesouro para financiar a desapropriação de terras destinadas à reforma agrária. "O Fundo só contabiliza o passivo no cálculo do déficit, mas esse é só um exemplo." Este é um dos aspectos que o governo pretende flexibilizar numa possível renovação do acordo com o FMI. Stiglitz disse que foi um avanço importante o Brasil ter convencido o Fundo a adotar o superávit primário (que exclui as despesas com os juros da dívida) como critério de desempenho. "O superávit primário tem variáveis que estão sob o controle do país. O resto, não", explicou.

Stiglitz criticou o fato de o Fundo não adotar, em seus programas, o princípio dos ciclos econômicos. Por esse princípio, nos períodos de expansão da economia, os governos podem economizar mais para, nos períodos de contração, gastar mais e, assim, minorar seus efeitos. "O Brasil deveria insistir em ter superávits primários cíclicos", sugeriu.

O economista fez um alerta ao país: o governo deveria evitar que o foco da política econômica seja a estabilização. "Não é verdade que o crescimento virá após anos e mais anos de estabilização, privatização e liberalização financeira e comercial. As evidências mostram o contrário."